

O negócio¹ do personal dancer: primeiras inquietações²

Matheus Murça Gonçalves³

Marcelo Victor da Rosa⁴

Guilherme Rodrigues Passamani⁵

Mayara Cristina Dos Santos Vieira⁶

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar as relações de poder entre os personal dancers e suas clientes durante os bailes de dança de salão em Campo Grande – Mato Grosso do Sul. Para isso, apresentamos os resultados da realização de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, que teve como instrumento metodológico entrevistas semiestruturadas aqui compartilhadas e analisadas com o apoio da revisão bibliográfica. Nossos dados apontam que as relações de poder entre os personal dancers e as clientes são complexas e sutis, constituindo um negócio que ultrapassa as relações puramente de trabalho, sendo marcadas por jogos de interesses atravessados por questões de gênero e raça importantes a serem discutidas.

Palavras-chave: Dança de salão. Personal dancer. Interseccionalidade.

The personal dancer business: first concerns

Abstract: This study aims to analyze the power relations between personal dancers and their clients during ballroom dances in Campo Grande – Mato Grosso do Sul. To this end, we present the results of carrying out a qualitative field research, which used semi-structured interviews as a methodological instrument, shared here and analyzed with the support of the bibliographic review. Our data indicate that the power relations between personal dancers and clients are complex and subtle, constituting a business that goes beyond purely work relationships, being marked by games of interests crossed by important gender and race issues to be discussed.

Keywords: Ballroom dance; Personal Dancer; intersectionality.

- 1 Nosso título é inspirado no trabalho pioneiro do antropólogo Néstor Osvaldo Perlongher (1987) que, ao investigar a prostituição de rua realizada por homens em São Paulo, percebeu que tal negócio era complexo, indo além de uma explicação centrada nas relações mercadológicas. Nossa pesquisa, apesar de ter outro objeto de investigação, também é lida como algo complexo e interseccional.
- 2 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”
- 3 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
- 4 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0621-0389>.
- 5 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5019-0832>.
- 6 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Introdução

A dança é uma expressão artística que pode ser praticada em qualquer fase da vida, independente se são ou não seguidas das técnicas metodológicas estruturadas de movimento. Fazer dessa prática uma experiência dançante, possibilita realizações de encontros e sociabilização entre diversas pessoas, seja por lazer ou por profissão. São diversos os locais para se praticar a dança e dentre eles estão os bailes que, em termos de estilos de dança de salão, são bem variados, pois vão do regional, forró, salsa até o samba de gafieira. Existem os bailes que geralmente são frequentados por um público mais velho, como por exemplo os bailes nos CCI⁷, que ocorrem, com maior frequência, aos finais de semana, nos períodos vespertinos e noturnos, em espaços de dança específicos que estão localizados em regiões próximas ao centro de Campo Grande/MS, local da nossa investigação.

O campo de atuação profissional na área da dança também é variado. Franco, Nunes e Melo (2023) citam que a área de Educação Física, possivelmente, foi um dos primeiros espaços de legitimação e reconhecimento profissional de pessoas atuantes no mercado da dança. Uma das possibilidades de trabalho no meio da dança, são os personal dancers, profissionais que dançam com determinadas pessoas mediante um pagamento, o qual será o assunto abordado nesse artigo, utilizando de suas vivências como instrumento de investigação e análises.

O vínculo entre os personal dancers e as clientes funciona como em outras relações profissionais, onde existe uma contratante que está disposta a pagar por um serviço e o contratado que o está oferecendo. O serviço é basicamente acompanhar, de forma remunerada, essa contratante para dançar em um baile. Entretanto, o ato de dançar parece dar mais liberdade para que outras insinuações possam ser feitas, uma vez que “a sensualidade da dança a dois e o inevitável envolvimento entre os corpos no baile, assim como a possibilidade de uma ligação emocional com determinados instrutores, não são negados, já que a dança seria um exercício de sedução” (BERLITZ, 2005, p. 141). Essa fala sobre a dança de salão revela que podem existir diferentes funções que estão atribuídas aos personal dancers e suas clientes.

Levando em consideração este cenário, entre os anos de 2020 e 2021, realizamos uma pesquisa de campo com o objetivo de analisar as relações de poder entre os personal dancers e suas clientes durante o atendimento nos bailes da cidade. Frente ao objetivo exposto, essa pesquisa de campo teve como público-alvo os personal dancers homens, que trabalharam ou ainda trabalham com dança em Campo Grande/MS. Para isso, foram entrevistados seis personal dancers, dentre eles cinco de forma presencial e um remotamente. Presencialmente os pesquisadores combinaram um local e realizaram as entrevistas, já remotamente foi realizada via aplicativo de vídeo chamada.

Nas entrevistas realizadas, foi utilizado um roteiro semiestruturado com alguns temas norteadores. Feito isso, as conversas foram gravadas e transcritas e em seguida foram agrupadas em um documento único. Neste processo, nomeamos os personal dancers em uma ordem numérica de 1 a 6 e a análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, passando por três etapas: 1) organização e leitura das entrevistas; 2) leitura atenta de todo o material; e 3) agrupamento dos códigos em categorias para encontrar padrões a serem categorizados e transformados em expressões e frases. Ambas as etapas, articuladas com os relatos das entrevistas e os estudos de Michel Foucault (1999), nos possibilitam compreender o quanto a relação entre os personal dancers e suas clientes é marcada por um jogo relacional de poder.

7 CCI, sigla para Centro de Convivência de Idosos, que é um espaço que oferece diversas atividades que contribuem no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares, do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social para pessoas acima de 60 anos.

Esse artigo está organizado em três partes. Na primeira, apresentamos os personal dancers e a dinâmica do negócio por eles empreendido. Em um segundo momento, problematizamos algumas categorias de articulação que, em intersecção, produzem marcas de diferença que constituem os sujeitos de nossa pesquisa e podem ajudar a potencializar o negócio. Por fim, na terceira parte, a partir das informações dos interlocutores, conseguimos acessar a percepção deles sobre as clientes, parte fundamental na relação empreendida.

Os personal dancers e a dinâmica do negócio

A partir das informações obtidas acerca da idade, profissão, formação acadêmica, cor/raça, classe social⁹, orientação sexual e percepção do corpo, traçamos individualmente os perfis sociológicos dos personal dancers:

O personal 1 tem 24 anos, é bacharelado em Física, se considera negro, de camada média¹⁰ e heterossexual.

O personal 2 tem 39 anos, é administrador, trabalha com gestão de pessoas e em dois grupos de dança. Em relação a sua cor/raça, classe social e orientação sexual, ele optou em não se enquadrar em nenhum grupo identitário.

O personal 3 tem 23 anos, é engenheiro da computação, se considera branco, de camada média e heterossexual.

O personal 4 tem 23 anos, é acadêmico de Educação Física, se considera branco, de camada popular e heterossexual.

O personal 5 tem 22 anos, é acadêmico de Educação Física, trabalha como bartender, se considera pardo, de camada popular e heterossexual.

O personal 6 tem 27 anos, é professor de Educação Física, trabalha como motoboy, se considera branco, de camada popular e heterossexual.

Podemos observar que a menor idade foi de 22 anos e a maior idade de 39 anos. Notou-se que, além do trabalho como personal dancer, alguns desempenham dupla profissão. Três entrevistados provêm da graduação em Educação Física (EF), e essa informação pode estar ligada ao fato de trabalharem com dança, afinal existem características semelhantes entre as áreas da Dança e da EF.

Além da Dança ser estudada em sua própria graduação, ‘ela é compartilhada pela Educação Física e por outras áreas do conhecimento’, ou seja, ela pode ser estudada em outras graduações, como é o caso das Artes Cênicas, Educação Artística, Comunicação Social, Educação Física e Artes Plásticas (PEREIRA; HUNGER, 2006, p. 1).

8 CCI, sigla para Centro de Convivência de Idosos, que é um espaço que oferece diversas atividades que contribuem no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares, do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social para pessoas acima de 60 anos.

9 Como marcador social da diferença, adotaremos a noção de classe, já corrente na literatura. No entanto, como vê-se na nota a seguir, relativizamos um pouco esta percepção, ao olhar mais atentamente para o que nos dizem os sujeitos. Fazemos isso a partir do conceito de camadas, proposto por Gilberto Velho (1973).

10 Gilberto Velho (1973) trabalha o conceito de “camadas médias urbanas”, pois percebe que é aquele que mais se adequa às diferenças que aproximam e separam as pessoas com as quais ele estava trabalhando em Copacabana. Para ele, a noção de camada daria conta de “uma heterogeneidade de estilos de vida e visões de mundo em segmentos sociais localizados, em termos de moradia, em localidades consideradas como ambientes ‘modernizantes’ na sociedade brasileira” (MOURA, 2016, p.146). Para Velho (1987), as camadas compõem sujeitos que se aproximam ainda que pertençam a extratos socioeconômicos distintos. Portanto, para além de critérios como renda, ocupação e educação, as camadas levam em conta ethos e visão de mundo, ou seja, as trajetórias dos sujeitos e não apenas a sua localização. Tais trajetórias orientam-se em e para um determinado projeto de vida.

Segundo Morandi (2006), por existirem poucas graduações em dança no Brasil, alguns/mas profissionais de dança acabam optando por cursar EF. O maior interesse dos profissionais de EF pela dança também ocorre pelo fato de muitos desses já terem alguma experiência com essa arte antes da graduação.

O tempo de trabalho dos entrevistados também serviu de parâmetro para análise. Quatro citaram o período de serviço e dois apenas a quantidade de vezes que foram contratados. Entre os que apontaram o período de trabalho, o menor tempo foi de quatro meses e o maior foi de doze anos.

Entre os que se referiram à quantidade de vezes que foram contratados, o personal 5 diz ter participado de doze eventos, enquanto o personal 6 diz ter participado de inúmeros eventos. O personal 2 é o com maior período trabalhando como personal, doze anos, e também é o que possui mais clientes fixas, um total de 7.

Antes de trabalharem como personal dancer, os entrevistados já tinham alguma relação com a dança e esse vínculo facilitou o contato com as primeiras clientes. A primeira experiência como personal dancer de todos se deu a partir de um convite feito pela própria aluna ou por outra pessoa da dança de salão. A partir dessas experiências iniciais, também foram relatadas as primeiras sensações.

Os personal dancers descreveram que em eventos cujas condições de serviço foram previamente combinadas, a sensação no geral foi satisfatória, o baile ocorreu bem. Já em eventos que não foram previamente combinadas, houve relatos de insatisfação. Como justificativa, argumentaram que, em bailes sem um combinado prévio, as clientes acabavam se excedendo. Os interlocutores contam que, algumas vezes, foram contratados para dançar com uma pessoa e acabaram dançando com quatro. Também foram relatadas situações constrangedoras, permeadas pela presença de piadas com conotação sexual por parte das clientes e de suas amigas, conforme veremos adiante.

Em um relato obtido em nosso campo, um homem que desempenha a função de personal dancer contou que uma cliente tentava constantemente, através de falas, gestos e toques, induzi-lo a uma relação além da dança. Para contornar tal situação, ele convidou a cliente para tomar um café fora do recinto da dança. Nesse encontro, por meio do diálogo, expôs que a relação sexual não ocorreria e que o contato entre eles era estritamente profissional. Ele ainda reforçou que poderia ajudá-la, mas não da forma que ela queria. Essa conversa surtiu o efeito esperado para o personal dancer e isso evitou que medidas mais drásticas fossem tomadas, tal como a suspensão do serviço. Hoje, ele diz ter desenvolvido um carinho por sua cliente e que ela retribui da mesma forma, afirmando que agora possuem uma ótima relação profissional e amistosa.

Apontamos também ao fato de que a manifestação da sexualidade de pessoas mais velhas, principalmente das mulheres, não é muito aceita por pessoas mais jovens, pela crença de que é esperado que se “aposentem” os seus desejos, que essas mulheres se tornem assexuadas, “tornando para eles o amor, o ciúme e a sexualidade ridículos e repugnantes” (COELHO ET AL., 2023, p. 90). Logicamente, o assédio não deve ser algo a ser aceito ou justificado, mas também não podemos ignorar que parte da estranheza que os personal dancers sentiram, podem ter relação com essa construção que se têm socialmente acerca da mulher mais velha. Talvez, se fossem mulheres jovens, essas poderiam passar despercebidas ou não serem mal vistas.

Segundo Tortola (2023, p. 78) “as performatividades de gênero nas danças de salão são negociadas obedecendo a um regime de verdade moralista, falocêntrico e elitista”, mas que é preciso ter um olhar atento a essas práticas, que embora esses atravessamentos emerjam de contextos heterossexistas e constituem uma ilusão de uma identidade permanente, as danças de salão, por serem práticas plurais, permitem serem subvertidas.

Podemos perceber dessa forma que a dança de salão na atualidade, comparada com décadas atrás, vem se

transformando e transgredindo com essas condições heteronormativas em que fora constituída no início, de uma relação binária, de via de mão única, onde cabia aos homens o ato de convidar as mulheres para dançar e as conduzir na dança, por exemplo. Hoje já se nota uma quebra dessas constituições. Tortola (2023) caracteriza essas mudanças como uma perspectiva queer, nominada de “Dança de Salão Contemporânea”, pois rompe com dispositivos sexistas e dogmas patriarcais. Exemplos dessas subversões que podem ser notadas nas Danças de Salão, são mulheres conduzindo, convidando para dançar, pagando profissionais da dança, pessoas do mesmo gênero dançando juntas etc. Sendo assim, essas, algumas formas de resistências aos padrões heterossexistas que as constituíram.

Em relação ao aspecto financeiro, é importante destacar que os personal dancers começaram recebendo pouco dinheiro e em um caso específico, do personal dancer 2, chegou a ser um trabalho voluntário, mas ainda assim o personal considerou satisfatório. Já o personal dancer 3 recebeu R\$150,00 em uma única noite de serviço, mostrando que há variação de ganho dentro da área.

Existem, em Campo Grande/MS, empresas especializadas em recrutar personal dancers para diversos eventos. Além de empresas, existem as clientes que contratam de forma pessoal e em pequenos grupos de duas a três pessoas. Também tem a possibilidade de ser um personal dancer fixo na casa de dança, como se fosse uma atração para as clientes que estão à procura de um par para dançar. Essas são as três frentes de serviço: das empresas, das clientes de forma pessoal e sendo fixo na casa. Trabalhando em diversas frentes, o número de clientes pode crescer, ressaltando que cada personal dancer tem sua forma de trabalho e que nem todos atendem nessas três possibilidades citadas anteriormente.

O contrato estabelecido entre os personal dancers e suas respectivas contratantes é verbal. Não foram citados contratos escritos em nenhum dos campos de atuação, ou seja, a negociação é informal e feita diretamente entre os personal dancers e as contratantes, logo, o personal dancer se encaixa na categoria de autônomo, pois ele próprio é o seu gestor administrativo.

O profissional autônomo é a pessoa física que exerce, por conta própria, atividade econômica de natureza urbana, não sendo necessário ter qualificação específica, seja técnica ou universitária. Neste cenário, o controle e planejamento financeiro se faz muito necessário para esses profissionais, visto que ele é essencial na gestão de custos e, principalmente, na obtenção de lucros (ARRUDA, 2019, p. 3).

Como o personal dancer assume esse papel de gestor, ele também é o responsável por acordar o seu contrato verbal, que se transforma nas regras do baile, que também podemos chamar de dinâmica do baile. Em cada uma das três frentes (empresas, pessoal ou fixo na casa) existe uma dinâmica de baile específica. Para facilitar a compreensão iremos nomeá-las como: dinâmica empresarial, dinâmica pessoal e dinâmica da casa.

Na dinâmica empresarial, os personal dancers eram apresentados para as convidadas do evento e possuíam um traje especial, normalmente era um grupo de personal dancers composto por maioria de homens. Havia uma troca de turno e revezavam entre quem dançava e quem descansava. Os personal dancers dançavam com a mesma pessoa uma música inteira e em seguida, dançavam com outras pessoas.

Na dinâmica pessoal, existe uma variação de personal dancer para personal dancer, de cliente para cliente. Mas foi possível identificar algumas semelhanças entre os personal dancers nesse serviço, tais como o local e os horários de entrada e saída do baile, que eram combinados antecipadamente. O personal, na maioria das vezes, dançava apenas com uma pessoa, no caso a sua contratante. Em algumas ocasiões também dançou com amigas da contratante, mesmo que não combinado antecipadamente. O pagamento era realizado de forma integral pela cliente que contratou o serviço. Geralmente, nas dinâmicas empresarial e pessoal, os personal dancers cobram R\$50,00 a hora de dança no baile.

O pagamento é feito de forma unitária pela mulher que deseja dançar, exemplificando: é cobrado um valor por uma sequência de músicas, de duas a três músicas. Após essa sequência, o pagamento é realizado para o personal dancer, assim sucessivamente para cada pessoa que tem o interesse em dançar.

Importante frisar que o personal dancer que trabalha fixo na casa recebe por seleção, e cada uma custa R\$10,00 e dura em torno de 15 a 25 minutos, logo, a hora de dança gira em torno de R\$20,00 a R\$40,00.

Por fim, a dinâmica da casa. Anteriormente, dissemos que a presença do personal dancer no ambiente da dança se aproximava de uma atração. Realmente, ela acaba se tornando como tal. Na maioria dos bailes, há muitas mulheres e poucos homens para dançar e que saibam dançar, logo, o personal assume essa performance para diversas mulheres. Mas além disso, ele torna-se um sujeito “disputado”, requisitado, afinal a oferta do serviço é muito menor que a demanda por ele. Há aqui um jogo e uma tensão que estão para além do dançar. São relações de poder que estão a estabelecer-se.

É perceptível que a relação entre os personal dancers e as suas clientes é marcada por um jogo relacional de poder. O fato de se passar entre dois sujeitos a torna uma microrrelação.

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1999, p. 89).

E essas relações de poder se dão também pelo alcance da representatividade da cultura na linguagem corporal, identificando assim, os sentidos socioculturais. Dessa maneira, através da linguagem corporal na dança, se consegue identificar os sentidos socioculturais, e analisar o alcance da representatividade da cultura nessa materialidade, que vai além da dança como entretenimento ou lazer. Souza e Sousa (2023) constatam que o expressar de maneira artística, se torna um modo de ampliar a realidade vivida, atravessando limites e barreiras individuais, que ao se relacionar com o outro, no caso a dança a dois, pode exercer influências nesses corpos dançantes, seja nas peculiaridades, nos jogos de poder, na força, no equilíbrio, questões de gênero entre outras indagações relativas.

Com isso, percebe-se que nessas relações há deslocamentos que se invertem e (re)invertem dependendo de quem está na base da dinâmica, tramitando assim as relações de poder. Hora o personal dancer influencia por adquirir os conhecimentos e técnicas de dança, hora a contratante que exerce esse poderio por oferecer vantagens financeiras e/ou de status.

As diferenças que atravessam os personal dancers

Além das variadas dinâmicas de atendimento, que demonstram a existência de alteridade entre os personal dancers, tais sujeitos são atravessados por marcadores sociais da diferença, dimensões sociais que interagem entre si, pois os “marcadores sociais da diferença como gênero, sexualidade, idade/ geração, ‘raça’, classe social e corporalidades interagem, contextual e conjunturalmente, de modo a promover potenciais cenários de desigualdades sociais e hierarquizações” (CARLOS HENNING, 2015, p. 100).

Entretanto, Henning (2015), amplia essa conceituação a partir da ideia de agência interseccional, que seria a possibilidade de (des)qualificação das diferenças, resultando em processos de resistência dos sujeitos marcados

pelas diferenças, ou seja: “Em outras palavras, ressalta-se a importância de atentar para os modos os quais os sujeitos potencialmente se utilizam de suas próprias marcas identitárias interseccionais (assim como na relação com os traços identitários interseccionais de outras pessoas) de modo a lidar com a criação, o questionamento e a desconstrução social de desigualdades” (p. 117). Alguns desses marcadores mostraram-se mais recorrentes nas falas dos interlocutores e, por isso, os priorizamos em nossas análises.

Em relação à questão da cor/raça, três entrevistados se consideraram brancos, no caso os pessoais 3, 4 e 6. O personal 1 se considera negro, o personal 5 se entende como pardo e alega que a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) reconhece “esse colorismo” e argumenta não se encaixar como uma pessoa branca ou negra e que não gosta de usar o termo mulato para se referir a sua cor/raça. O personal 2 optou por não definir sua cor/raça e argumentou que em sua opinião ser pertencente a uma cor/raça seria se aprisionar em uma caixa e, portanto, prefere ser considerado “uma pessoa” e ele diz que vê todos a sua volta somente como pessoas, abrindo mão da “identidade racial”.

Dito isso, podemos observar que alguns grupos, atualmente e principalmente de pessoas mestiças, sentem dificuldade em se encaixar em grupos raciais específicos, pois são excluídos do grupo de pessoas negras e também são excluídos do grupo de pessoas brancas, com a justificativa que não são negros ou brancos o suficiente para pertencerem a esses grupos raciais predefinidos pela sociedade, e isso ainda é fruto do contexto histórico racista, que teve como marco os processos de escravização e a segregação racial. A fala do personal 5 reflete essa problemática: “Me considero pardo, por mais que algumas pessoas não consideram ser pardo uma cor¹¹. Mas eu vejo que não me encaixo como uma pessoa branca, mas também não me encaixo como uma pessoa negra, e mulato eu não gosto de usar”.

A reflexão sobre cor compartilhada pelo personal 5 parece carregar as marcas da matriz escravocrata e os processos de segregação racial que historicamente regulam o contexto brasileiro:

A mestiçagem que ocorreu em larga escala no Brasil deve ser analisada tendo em vista o projeto de colonização aqui desenvolvido pelos portugueses. Isso nos habilita a encarar a mestiçagem não mais como algo natural, mas sim como um dispositivo de poder. Estou chamando de dispositivo um tipo de formação que, em determinado momento histórico, tem como função principal responder a uma urgência. Parafraseando Foucault, podemos dizer que o dispositivo pode se manifestar como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda até então. Pode ainda funcionar como reinterpretção dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Na condição de dispositivo de poder, o dispositivo de mestiçagem envolve um conjunto heterogêneo de elementos: discursos, ações, leis e programas de instituições. De forma mais específica, ele pode ser entendido como um conjunto de saberes e de estratégias de poder que atua sobre nossa identidade nacional, tendo por objetivo integrar e tornar dóceis as etnias que estão na raiz de nossa nacionalidade (no caso os indígenas do continente e os negros africanos). É o dispositivo de mestiçagem que dirige e comanda as ações e saberes numa determinada direção, com a intenção de atingir seu objetivo final: criar uma consistência entre todos esses elementos díspares, gerando subjetividades dóceis, mal delimitadas e manipuláveis (TADEI, 2002, p. 3).

11 Pardo é uma cor para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Em relação à fala do personal 5, podemos observar que existe uma problemática da miscigenação no Brasil, principalmente pelo fato da prática social racista criminalizar o mestiço (chamado por ele de pardo) e o negro. A figura do mestiço e as categorias sociais mestiças adquirem sentidos diferentes em contextos marcados pelos processos de colonização. Se levarmos em consideração que a localização do Brasil está na América Latina e as marcas coloniais são um fator em comum com os demais países latino-americanos, identifica-se que a miscigenação presente na sociedade, “foi esposada como ideologia por Estados autoritários e racistas, num pacote que inclui branqueamento, invisibilização do negro e de sua historicidade, e hipocrisia racial (PINHO; SANSONE, 2008, p. 268).

A existência até os dias de hoje de frequentes práticas sociais racistas ainda é reflexo do período colonial e de suas políticas de branqueamento da população. Tal contexto também é balizado por outro marcador social da diferença importante advindo do campo, que é a classe social, tratada por nós analiticamente a partir das noções de camadas.

Os personal dancers 1 e 3 se entendem como de camadas médias, os personal dancers 2, 4, 5 e 6 média baixa/pobre. Com base nesse dado, podemos observar que em mais de um caso, mesmo os personal dancers que possuem mais de dois empregos e formação superior, ainda se percebem como de camadas populares, porque há questões que extrapolam as dimensões econômicas ou os ganhos financeiros. Segundo Henning (2015), a orientação sexual e classe social se entrelaçam e são responsáveis pelo tratamento que os sujeitos irão receber em relação à sociedade.

Sobre a orientação sexual, o personal dancer 2 se entende “aberto” e os outros cinco se consideram heterossexuais. Desses cinco, os personal dancers 3 e 5 deram uma resposta complementar e fizeram observações. O personal dancer 3 disse: “hétero, mas já fiquei com homem e nunca tive problema com isso também, mas me considero hétero”, e o personal dancer 5, disse: “Eu sou heterossexual quando me convém, quando me convém também não sou, mas eu tenho namorada”. Observando as falas complementares dos personal dancers 3 e 5, a heterossexualidade desses sujeitos está em um processo de expansão da sua marca identitária.

Essa expansão da heterossexualidade está ligada, segundo Foucault (2004), ao prazer e ao desejo dessas pessoas, e que a discussão sobre a sexualidade deveria ser mais complexa, por envolver distintas relações de poder e ir além da explosão discursiva. Com base nesse argumento de Foucault, percebemos, após analisar as narrativas dos personal dancers 2, 3 e 5, uma sexualidade menos fixa e essencializada. Deste modo, tanto a heterossexualidade compulsória quanto a cisheteronormatividade¹² são borradas e essas brechas/fissuras possibilitam uma sexualidade mais fluida e plural, afinal, não existe apenas uma forma de se viver a heterossexualidade. E, mais que isso, tais questões mostram como a heterossexualidade está a todo momento se reinventando, porque a natureza da heterossexualidade é repleta de cultura e nada teria, evidentemente, de natural. Portanto, a heterossexualidade seria uma invenção e é conveniente desnaturalizá-la e questionar a sua compulsoriedade.

12 Para Mattos e Cidade (2016, p.134) a perspectiva cisheteronormativa é atravessada na “matriz heterossexual como base das relações de parentesco e a matriz cisgênera como organizadora das designações compulsórias e experiências das identidades de gênero”. Dessa forma, uma noção de normalidade em detrimento da condição de anormalidade é constituída, podendo produzir abjeções e ocultamento de experiências transgressoras e subalternas.

Nesse ínterim, tal como a heterossexualidade é constantemente construída, o corpo passa por investimentos recorrentes para sua (re)constituição. O corpo também contribui para a compreensão dos processos de construção da nossa subjetividade e para os sujeitos dessa pesquisa a percepção de corpo se tratava de um processo que ainda estava em constante construção, que poderia melhorar em alguns aspectos, principalmente o físico, como podemos observar na fala do personal 2: “Meu corpo sim, ele chama atenção, as pessoas comentam bastante sobre a altura, então sim, eu sou muito feliz com meu corpo, na questão da estrutura dele, e claro sempre pode melhorar, mas pra mim o mais importante é a saúde o bem estar”.

O personal 2 valoriza os aspectos físicos do seu corpo e menciona que este ainda está em um processo de construção, mas faz uma ressalva que o bem-estar é o mais importante. Bem-estar, saúde, prazer, desejo, são aspectos comumente associados à construção do corpo. De todos os corpos. É conveniente também desnaturalizar o corpo, que para além do aglomerado de bilhões de células, é pleno de cultura e está, ininterruptamente, tentando acompanhar o seu ritmo.

Para além dessas categorias de articulação, a questão de gênero foi mencionada quando se observou o corpo, por meio da analogia entre ser homem, macho¹³ e ao mesmo tempo ser lido como objeto sexual, desejado e de boa aparência. Isso apareceu de forma mais manifesta na fala do personal dancer 5:

Eu vejo meu corpo às vezes objetificado, as pessoas elas falam. Já ouvi muito, de muitas pessoas inclusive, que é um corpo bonito, é alto, moreno, é forte. Já ouvi também pessoas falarem que eu uso do meu corpo pra fazer muitas coisas, só que no sentido mais pejorativo, de eu saber que tenho isso, e usar isso pra tomar alguma vantagem sobre outras pessoas.

O personal 5 diz acreditar que pelo seu corpo ser admirado por outras pessoas, elas acreditam que ele se utiliza desse status para conseguir vantagens, as quais ele não revelou na entrevista. Em um panorama geral, os personal dancers mostraram-se satisfeitos com seus corpos, uma vez que foi possível observar um sentimento de conforto por serem saudáveis. Foi mencionado também o padrão de corpo, pois possuem estatura alta e são musculosos. Já outros não se encaixavam em tal padrão, pois não estavam em forma, não se consideram altos e não possuem músculos desenvolvidos.

Segundo Colling e Tedeschi (2019), o corpo para além do biológico, se constitui a partir de características mutáveis e ele sempre vai estar em construção acompanhando a cultura e a história da sociedade, “O corpo, portanto não é algo que temos, mas algo que somos” (COLLING; TEDESCHI, 2019, p. 142) de maneira contingente e contextual, pois:

Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também o seu entorno, ou seja, a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam e a educação de seus gestos (COLLING; TEDESCHI, 2019, p. 141).

O corpo precisa ser visto além do físico, é necessário tratar o mesmo buscando acolher toda a sua subjetividade, desde o seu nascimento, crescimento, até o seu entorno onde está inserido, de maneira que o sujeito também seja lido de fora para dentro.

13 No dicionário, podemos achar a definição para “macho” como animal ou pessoa do sexo masculino. Segundo Sergio Gomes da Silva (2000), esse termo foi consolidado durante a Revolução Francesa, por decorrência do medo dos homens se “tornarem” homossexuais, com a preocupação de uma possível feminilização por parte deles, diante disso, tornou-se obrigatório provar sua masculinidade e virilidade, como o “sexo forte”.

Nesse contexto que o personal dancer 3 diz não se importar com esse padrão, “Acho que tenho um corpo padrãozinho da sociedade, não gosto muito de algumas coisas, não gosto muito do meu tórax, do meu abdômen, mas acho o meu físico agradável, não tenho muito problema com ele”. Segundo Roger Hansen e Alexandre Fernandez (2004), existe uma utopia da cultura dos corpos perfeitos que incentiva que os sujeitos busquem o que a sociedade julga ser o padrão aceitável de corpo. E esse corpo estereotipado pode ter ainda relação com a submissão e a exclusão de pessoas que não se encaixam dentro do padrão de corpo perfeito.

Como dissemos antes, não existe um corpo natural, que não sofra com as influências culturais. Para Prado Filho e Trisotto (2008), por exemplo, o corpo é construído atravessadamente pelo poder e pela busca do conhecimento, “Os corpos modernos encontram-se presos a uma normatividade sustentada em argumentos científicos – uma corporeidade – de ordem biológica, anatomofisiológica e sexual, além de estarem sujeitos ainda à norma relativa à ‘sanidade mental’” (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 2).

Prado Filho e Trisotto (2008) utilizam o termo “anátomo-político” para marcar a ideia de que o corpo biológico é produzido com caráter político, construído para satisfazer as necessidades da sociedade, competente para o trabalho e flexível ao poder. Na fala do personal 5 podemos observar que ele utiliza o seu corpo para trabalhar e viver: “Eu vejo também como ‘objeto de trabalho’ porque eu uso dele pra viver né, eu faço um curso que mexe com o corpo, eu trabalho com o corpo de diversas formas, tudo que faço eu uso meu corpo então, ele é meu objeto de trabalho”.

O corpo do personal dancer se torna também objeto artístico e de trabalho, como na relação entre o sujeito com a dança. Em outras palavras, um corpo que está em construção através da vivência entre o sujeito, a sociedade e a dança.

Meu trabalho, portanto, busca dar espaço para a manifestação do corpo como um todo, com os conteúdos da vida psíquica, das expressões dos sentidos, da vida afetiva. Não é possível negligenciar ou esquecer tais coisas nem fazer com que o corpo permaneça mudo e não transmita nada: as informações que ele dá são incontroláveis. Temos é que reconhecer esses processos internos poderosos e dar espaço para que eles se manifestem, criando assim a coreografia, a dança de cada um (MILLER, 2014, p. 102).

Além do corpo, do psíquico, das expressões e a afetividade do personal dancer, não podemos esquecer que tudo isso está presente nas clientes também, lembrando que existem dois sujeitos nessa relação e que ela é mútua, isto é, uma troca de pluralidades, desde as manifestas até as latentes.

As clientes a partir do olhar dos personal dancers

As informações obtidas sobre as clientes não são exatamente precisas quanto às suas características, pois os personal dancers forneceram muitas dessas informações por meio de suposições, que foram formuladas a partir da convivência com elas durante os atendimentos.

A menor idade (das clientes) mencionada pelos entrevistados foi de 30 anos e a maior foi de 69 anos. Segundo o personal 5, “a média de idade é de trinta e poucos anos” nos bailes que ele atende e ainda justifica dizendo que “tem gente bem mais velha, mas têm algumas novas também”. No entanto, a incidência de pessoas mais novas é menor: “poucos eventos a gente vê gente mais nova”. Já o personal 3 relata que “normalmente mais de 50 anos, pelo menos comigo todas as vezes que trabalhei” e o personal 4 diz ter “uma média de 60 pra frente, e são bem senhorinhas”.

A cor/raça predominante é branca, seguida de mulheres mestiças e apenas o personal 1 possui uma cliente negra, conforme relato: “das quatro, tinha uma que era negra e todas as outras três eram brancas”. O personal 3, quando perguntando sobre as características das mulheres que frequentavam os bailes, respondeu “dá para excluir

algumas coisas, nunca vi nenhuma negra”. O personal 2 também faz um relato semelhante: “geralmente são morenas claras, nenhuma negra, não tem nenhuma pessoa preta”.

Carvalho (2013, p. 82), entende que “na perspectiva racial, as disparidades de acesso a bens e a exclusão digital refletem as desigualdades sociais que dificultam a inserção da população negra e sua participação como cidadã na sociedade brasileira contemporânea”. Já se passou uma década após a publicação de Carvalho (2013) e a realidade de desigualdade social continua, nesse caso em específico, dificultando o acesso da mulher negra aos bailes e utilizar o serviço de personal dancer.

Tal questão pode ser reflexo da condição histórica das pessoas negras no Brasil, fruto de uma desigualdade social que se desdobrou em um racismo que constitui a sociedade brasileira. Hooks (2020) afirma que por séculos as mulheres negras estavam atuando em trabalhos onde as mulheres brancas, principalmente de classe média/alta, não estavam, por serem trabalhos considerados subalternos. Assim, geralmente não tendo como usufruir de lazeres tanto quanto às mulheres brancas, como por exemplo os bailes de dança de salão mais elitista, porém participando de outras vertentes dançadas pelas classes mais populares.

Os personal dancers, de modo geral, acreditam que todas as clientes são heterossexuais e o comentário do personal 5 atribui isso ao comportamento das mesmas. Ele diz que “pelo comportamento delas, que pensam ‘tem um cara que está aqui pra mim’ por mais que seja só pra dançar, às vezes a gente sente que querem dar uma aproveitada em alguma coisa, sabe? Um abraço mais apertado do que precisaria, fica até ruim pra dançar, cê sabe né?” O personal dancer insinua que essa é uma atitude de uma mulher heterossexual. Os outros personal dancers disseram apenas que as clientes aparentam ser heterossexuais.

A essa informação, foi acrescentado pelos personal dancers que a grande maioria é viúva ou divorciada. O personal 3 completa que “todas têm carro, são bem independentes, nesse ponto se ‘alguém vai me trazer?’ não, todo mundo com carro” e atribuiu isso ao fato de considerar todas de camadas altas, chamando-as de “ricas”.

As classes sociais predominantes entre as clientes, segundo os relatos, são alta e média. Segundo o personal 2, “a maioria tem dinheiro, tem uma aposentadoria saudável”. O personal 1 completa a informação dizendo que “não necessariamente são de classe alta, geralmente é de classe média acima, que tenha o costume da vivência de ir ao baile, geralmente sai com amigas que estão no mesmo quadro social”. Dessa forma, acreditamos que por estarem inseridas em um mesmo ambiente, elas podem estar nas mesmas camadas e essa pode ser umas das causas para que as clientes formem grupos para contratar um personal dancer.

Outras motivações para que essas clientes participem dos bailes e, por consequência, acabem contratando o serviço de um personal dancer são várias, como por exemplo: as relacionadas ao lazer, como a procura por uma distração ou uma boa conversa, sair com as amigas, mas também podem estar à procura de algo novo que sempre foi negado por seus antigos parceiros, que não as permitiam frequentar bailes. Algo próximo ao percebido em nossa pesquisa, foi problematizado por Duarte (2021), no que diz respeito às mulheres mais velhas que participam de disciplinas na graduação da UFMS a partir da Universidade Aberta à Pessoa Idosa. Elas o conseguem fazer apenas depois de os filhos e/ou netos criados, de uma possível separação ou viuvez. Os compromissos familiares e as proibições dos parceiros as impediram de estudar.

No caso das mulheres mais velhas nos bailes, o personal 5 relata sobre essa situação: “são poucos os maridos que deixam as mulheres dançar e não dançam, mas a mulher quer dançar e eles não deixam ela dançar, porque não é com ele” e complementa que “mesmo a gente sendo profissional que está ali só pra isso, muitos homens não deixam, proíbem a mulher de sair, já vi casos assim, de acontecer situações chatas”. Cooling e Tedeschi mostram como esta questão mais imediata é desdobramento de relações de poder presentes em diferentes contextos e que constituíram lugares menos independentes para as mulheres:

A ‘primeira divisão sexual do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos’. Assim também, identifica ‘o primeiro antagonismo de classes’ com o que se estabelece entre homem e mulher no patriarcado, e ‘a primeira opressão de classes com a opressão do sexo feminino pelo masculino’ (COLLING; TEDESCHI, 2019, p. 579).

Nesse momento, o personal dancer desempenha outra performance que requer atenção, que não está explícita em qualquer combinado, mas que é imprescindível, que é a de ser um companheiro e ouvinte para essa mulher que vivenciou durante a vida as opressões causadas pelo seu antigo companheiro. Isso foi observado na fala do personal 2:

São pessoas que geralmente tiveram algum processo de perda na família, ou abandono de marido. Ou maus tratos de marido, sim, geralmente têm uma questão muito particular por elas assim, foram muito reprimidas pelas famílias, e não puderam nunca dançar, aí agora que descasou, o marido morreu, vem pra pista e coloca à disposição para dançar, e geralmente são pessoas assim, então quando você senta com elas tem muita história pra contar, contam muitas coisas e são pessoas que seguem esse caminho de algum sofrimento na vida ou perda (sic) familiar ou maus tratos do marido, coisas desse tipo.

Por isso é tão significativo para muitas mulheres a prática da dança. Chaves e Neves (2023) explicam que a dança se relaciona em vários aspectos da vida humana, que vai além da movimentação corporal, como a expressão dos sentimentos, criatividade, comunicação, crenças, relações sociais e políticas. Que “a prática da Dança de Salão possibilita o conhecimento de si próprio, uma autoconfiança, uma melhora da autoestima, a aquisição de segurança e uma melhor integração com as pessoas, na medida em que possibilita o trabalho do corpo na sua totalidade” (CHAVES; NEVES, 2023, p. 207). Então a dança vem como uma forma de resgate de identidade e de tomadas de decisões sobre si.

As clientes que são solteiras e vão aos bailes sozinhas ou acompanhadas de amigas, segundo os personal dancers, algumas realizam uma abordagem de cunho sexual que costuma ser sutil e chega acompanhada de “brincadeiras” leves. Mesmo que em alguns casos essas insinuações sejam repetitivas, talvez ainda caibam em um espectro de sutileza. Normalmente essas “brincadeiras” partem das clientes que já tiveram um primeiro contato com o personal dancer, já o conhecem e, talvez, se sintam mais confortáveis para tanto. Em outras situações, as “brincadeiras” foram feitas pelas amigas dessas clientes.

O personal dancer 1 relatou as seguintes falas: “e ai cara, o que você faz depois?”, “Você não quer ir lá para casa?”; O personal dancer 2: “Vamos lá em casa, que eu vou te dar um vinho e um Whisky que eu tenho lá”, “Oh, lá em casa!”; O personal dancer 3 “Eu posso te pagar bem se você quiser”, “O que você vai fazer depois daqui?”, “Vamos sair daqui pra algum lugar”; O personal dancer 4 “Quer ir lá pra casa? Eu te pago se quiser ir lá pra casa, a gente come uma pizza, a gente faz um lanche...”, “Vem aqui em casa te pago Uber”, “Eu achei que você ia pra minha casa”, “Você não quer ir lá para casa?”; E o personal dancer 5 “Depois daqui vamos lá pra minha casa, pra gente tomar um vinho” “Vamos lá pra casa pra gente tomar um vinho, ficar junto e tal, você me ensinar mais alguns passos e tudo mais”, “A gente pode ver filme, dormir, fazer várias coisas”.

Podemos observar que em algumas dessas investidas as clientes utilizam de diferentes estratégias como falar em tom de “brincadeira” ou frases indiretas. Como tais abordagens ocorrem no ambiente de trabalho, alguns personal dancers relataram que essas práticas são indesejáveis.

Segundo relatos dos personal dancers, as falas indiretas, com segundas intenções e/ou “brincadeiras”, iniciam após um primeiro contato e costumam ser constantes. Na maioria dos relatos as clientes tentam, através de ofertas como transporte, bebida ou comida, convencer que eles as acompanhem até suas respectivas residências. Isso ainda não se caracterizaria como “presente” e em nenhum dos relatos algum valor específico em dinheiro para

esse acompanhamento fora do ambiente da dança foi citado.

Em relação às “brincadeiras” menos sutis e mais insinuanes, elas acontecem com maior frequência quando o personal dancer está trabalhando em um ambiente que ele atende na dinâmica da casa ou empresarial, na qual as mulheres que chegam para dançar, pelo fato de não o conhecerem, acabam sendo mais diretas. Tais práticas de cunho sexual mais diretas são menos comuns, mas ainda assim ocorrem nos bailes, conforme as seguintes falas: o personal dancer 4 relatou a seguinte situação enquanto realizava um atendimento: “mas R\$10,00 é só a dança? Não rola nenhum beijo?” O personal dancer 2 também relatou uma situação mais direta: “achei você tão educado, você é alto, bonito, pensei, ‘ele vai ser meu’”.

Mesmo que as “brincadeiras” com clientes provenientes da dinâmica pessoal sejam mais sutis, há também algumas mais diretas e insinuanes ao ponto de realizar convites de cunho sexual. Essas “brincadeiras” se encaixam como assédio sexual, ainda que sejam feitas de modo velado e de forma descontraída, pois são contínuas e prolongadas visando constranger o sujeito para a obtenção de uma vantagem sexual. Mesmo que o constrangimento seja evidenciado pelos personal dancers, as “brincadeiras” não cessam, podendo caracterizar uma situação de abuso. O personal 2 fez um relato sobre uma relação não agradável que teve com uma cliente:

Ela tem uma paixão assim aberta comigo, ao ponto que uma época eu tive que pensar em parar de fazer o Personal com ela, porque eu não aguentava mais as diretas dela e eu dando sinais que não era daquela forma, ela sabendo que eu tinha relacionamento, mesmo assim, ela insistia, insistia.

O personal 2 disse também que esse tipo de comportamento se caracterizava como assédio dizendo que: “assédio é de todas as formas”, desde uma “brincadeira” até um toque no corpo que não caiba na situação de uma dança. Nós observamos, a partir das falas dos personal dancers, que as clientes utilizam “brincadeiras”, que poderiam estar insinuando algo além da dança.

Nesse momento, essas “brincadeiras” pretendiam promover articulações motivadas por interesse, podendo ser nessa situação específica, questões de desejo ou até resultado do fato de viverem sozinhas e enxergarem no personal dancer um possível companheiro. Pensando nesse contexto, a partir das relações de poder, vemos que “as formas contemporâneas de articulação e operação dos poderes são muito sutis e de difícil visualização, resultando em táticas cada vez mais finas, capilares e subjetivantes” (PRADO FILHO; LEMOS, 2012, p. 08).

Nesse ponto nos aproximamos de dois elementos que poderiam influenciar nesse “algo além da dança”, que seriam os presentes e ofertas em dinheiro. Na visão de cinco personal dancers, os presentes podem não expressar uma segunda intenção, podem ser apenas uma demonstração de carinho. Já para o personal dancer 5, no entanto, o presente é sim algo que demonstra interesse sexual.

Perguntados em relação ao aceite do presente ou especificamente o dinheiro para a concretização desse “algo a mais”, foi questionado se essa atitude se caracterizava como prostituição. As respostas foram unânimes ao afirmar que sim, seria prostituição, e quando perguntados se já fizeram algo semelhante, a resposta de todos foi negativa. É interessante pensar que a prostituição, como afirmam as autoras Piscitelli (2016) e Oliveira (2004) é apenas uma modalidade de um amplo mercado do sexo.

Para além disso, conforme Passamani (2017), trata-se de uma relação complexa e multifacetada, que nem sempre se esgota na troca de dinheiro por sexo. Presentes, ajudas, incentivos, a prática do “banco”, podem ser subterfúgios para que se efetivem encontros, mais ou menos, duradouros. Portanto, a percepção, estigmatizante e estanque, do trabalho sexual como uma prática venal e degradante pode ser apenas a cristalização de recorrentes preconceitos sociais que ainda sacralizam o corpo e são orientadas por uma ideia de amor romântico, monogâmico e cristão.

Parece que subjaz, de maneira reiterada, uma tentativa de afastamento da prostituição, como se a prostituição não pudesse (ou não devesse) ser percebida como um trabalho tão legítimo como qualquer outro. Subtende-se que ela é uma prática “menor” do ponto de vista moral e que quem a pratica, mesmo tendo uma “profissão legítima” estaria se contaminando e, mais que isso, contaminando todo o ofício em si. O recebimento de presentes e as segundas intenções são estratégias de flerte recorrente em todos os âmbitos da vida social. Limites e barreiras, que podem ou não ser ultrapassados, não existem a priori e de maneira generalizada, entende-se que são constructos contextuais e contingentes que vão sendo constituídos assim que demandados.

Considerações finais

Com base na perspectiva interseccional, por meio de uma visão construcionista (PISCITELLI, 2008), podemos observar que o poder na relação entre os homens personal dancers e as mulheres clientes não está de fato ligado à submissão, mas sim com os jogos de interesses, os quais não são somente sexuais, mas também estão ligados ao campo da dança de salão, como por exemplo, o ato de dançar no baile. Os interesses são complexos, pois trata-se de sujeitos diferentes em um mesmo ambiente.

Os personal dancers com os quais contatamos são atravessados – e constituídos – por diferentes marcadores sociais da diferença, ainda que todos desempenhem uma performance comum: a de personal dancer. No entanto, em virtude das categorias que se articulam na prática de cada um deles, o fazem de formas distintas. Observamos que entre eles existem diferenças de cor/raça, classe social, geração, corporalidade e orientação sexual. Quando olhamos para as clientes, também encontramos essas diferenças, mas o que precisamos nos atentar são como essas diferenças agem como formas de poder, sejam elas de opressão, agência ou ação.

Vejam os a questão de cor/raça, que foi um dos marcadores sociais da diferença importante na pesquisa. Observamos que dos seis personal dancers apenas um se autodeclarou negro. Em relação às clientes, esse dado ganha uma proporção ainda maior, uma vez que o número de clientes é superior ao número de personal dancers, e a partir do relato dos entrevistados observamos que apenas uma mulher negra foi citada como cliente. Com isto foi possível perceber que cor/raça e gênero, quando articulados, influenciam nas formas de exclusões sociais sofridas por pessoas negras.

Ao analisarmos outro marcador social da diferença, nesse caso gênero, precisamos lembrar que tal marcador é marcado por relações de poder. No entanto, podemos observar em nosso campo que essa relação de poder se altera e passa a ocorrer a partir de uma relação de agência. Percebemos isso, por exemplo, quando uma cliente mulher contrata o serviço do personal dancer. É ela quem paga os comes e bebes, como forma de cortesia, e oferece, em certas ocasiões, até a carona para o mesmo. Dito de outra forma, de um lado tem quem pode pagar e, do outro, quem oferece o conhecimento de dança. Essa relação caracteriza uma troca de poder em que dois sujeitos que exercem ação. E, parece, que a mulher está no lugar que, socialmente, está associado aos homens.

Outro dado que merece destaque é a discussão acerca do marcador geracional, notamos que estamos analisando dois grupos etários diferentes, e as questões culturais e sociais podem condicionar interesses ou objetivos distintos. As clientes procuram por personal dancers para dançar por lazer, enquanto do outro lado, os personal dancers procuram clientes para dançar de forma profissional. Entre essas disparidades, ainda encontramos um vínculo nessa relação, que é a dança de salão.

Percebemos, por meio dos relatos aqui analisados, que essa microrrelação de poder aproximou esses sujeitos de forma que alguns personal dancers se tornaram amigos pessoais de suas clientes e acabaram desenvolvendo outras formas de tratamento. Dentre essas possibilidades, destacamos a forma velada de assédio sexual feito pelas clientes, percebida eufemisticamente como “brincadeiras” sutis de cunho sexual, que se iniciam a partir do momento

em que ocorre uma maior convivência e intimidade entre os mesmos.

Dessa forma, parece muito relevante que em investigações futuras, na mesma temática aqui apresentada, para além da interlocução com os personal dancers, seria fundamental uma aproximação com as clientes. Contatar as clientes, acessar suas redes, seria desvelar uma outra chave-explicativa para os processos aqui dispostos, uma vez que seriam conhecidas as versões das mulheres clientes dos personal dancers para tais trocas. Por fim, destacamos a complexidade e a multiplicidade do negócio dos personal dancers, que nos mostraram um leque de possibilidades e como o poder opera entre todos eles.

Referências

ARRUDA, Andressa Rodrigues. **Planejamento e controle financeiro para profissionais autônomos**. 2019. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) UNIEVANGÉLICA. Anápolis, 2019.

BERLITZ, Luísa. A Dama e o Cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. **Estud. interdiscip. envelhec.**, Porto Alegre, v. 8, p. 139-142, 2005.

CARVALHO, Layla Daniele Pedreira de Carvalho. A concretização das desigualdades: Disparidades de raça e gênero no acesso a bens e na exclusão digital. In MARCONDES, Mariana Mazzini, et al. Dossiê mulheres negras retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. **Ipea**, Brasília, p. 82-109, 2013.

CHAVES, Bruna Silveira; NEVES, Clara Mockedece. A percepção quanto à autoestima e a sociabilidade de idosos praticantes de dança de salão: um estudo de caso. **Arquivos em movimento**, v.19, n.1, p. 205-221, 2023.

COELHO, Lúcia Aparecida Martins Campo; NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida; MOURÃO, Ludmila; ASSIS, Monique Ribeiro de. Dos salões de baile para as telas de cinema: pensando a dança de salão e o envelhecimento em e a partir de *Chega de Saudade*, de Laís Bodansky. **Arquivos em movimento**, v.19, n.1, p. 85-104, 2023.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

DUARTE, Juliana Cristina. **“Tô velha, mas não tô morta”**: um olhar antropológico sobre mulheres que participam do projeto Universidade Aberta à Pessoa Idosa da UFMS. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Ciências Humanas. Campo Grande: UFMS, 2021.

FRANCO, Neil; NUNES, Jaqueline da Silva; MELO, Marcelo. “Histórias e memórias das danças de salão: interfaces ente o artístico, o lazer, o pedagógico e a formação profissional”. **Arquivos em movimento**, v. 19, n. 1, 2023.

FOUCAULT, Michel [1978]. Sexualidade e Poder. In: **ÉTICA, Sexualidade, Política: Coleção Ditos & Escritos**. Rio de Janeiro, 2004. p.58-77.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1999.

HANSEN, Roger; FERNANDEZ, Alexandre Vaz. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 135-152, set., 2004.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez., 2015.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?:** mulheres negras e feminismo. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MATTOS, Amanda Rocha; CIDADE, Maria Luiza Rovaris. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades, **Periódicos**, Salvador, v.1, n. 5, 2016.

MILLER, Jussara. O corpo presente: Uma experiência sobre dança-educação. **Educ. temat. digit.** Campinas, v. 16, n. 1, p. 100-114, jan./abr., 2014.

MORANDI, Carla. O descompasso da dança e da Educação Física. In: STRAZZACAPPA, Márcia e MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência:** a formação do artista da dança. Campinas: Papirus, 2006.

MOURA, Cristina Patriota de. Camadas médias, projetos e trajetórias: da diplomacia no Brasil Central à internacionalização chinesa. In. MOURA, Cristina Patriota de; CORADINI, Lisabete (Org.). **Trajetórias antropológicas:** encontros com Gilberto. Natal: EDUFRN, 2016.^[1]

OLIVEIRA, Alexandra. **As vendedoras de ilusões:** estudo sobre prostituição, alterne e striptease. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

PASSAMANI, Guilherme. “É ajuda, não é prostituição”. Sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 51, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8651154>>. Acesso em: 1 out. 2021.

PEREIRA, Mariana Lolato; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. Dança e Educação Física no Brasil: questões polêmicas. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 11, n. 96, 2006.

PERLONGER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê:** prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Lívio (Org.). **Raça:** novas perspectivas antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia - EDUFBA, v. 2, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul., 2008.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 25, p. 7–23, 2016.

PRADO FILHO, Kleber; LEMOS, Flávia Cristina Silveira. Foucault hoje: algumas linhas a respeito. **Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, 2012.

PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, jan./mar, 2008.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, set. 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414989320000003000003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SOUZA, Mauro José de. SOUSA, Gerson de. A cultura e representatividade no corpo que dança: a dança de salão e a materialização de sentidos culturais na corporeidade. **Arquivos em movimento**, v. 19, n. 1, p. 49-67, 2023.

TADEI, Emanuel Mariano. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n. 4, 2002.

TORTOLA, Eliane Regina Crestani. Marcadores de gênero nas danças de salão a partir dos estudos discursivos foucaultianos. **Arquivos em movimento**, v. 19, n. 1, p. 68-84, 2023.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma Antropologia das sociedades contemporâneas. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.